

PURISMO: DO PRECONCEITO AO CONCEITO

Marli Quadros Leite*

RESUMO: Neste artigo discutimos o conceito de purismo lingüístico, com o objetivo de demonstrar ser ele um fenômeno lingüístico, sempre presente em todas as fases por que passa a língua. A manifestação purista dá-se por meio de metalinguagem, ou pela própria escolha lingüística do usuário e é denunciada pelo desacordo de normas, isto é, a escolha purista pauta-se numa norma que tende a desaparecer e começa a chocar-se com a norma descritiva sincrônica. Para procedermos à reflexão sobre a concepção de purismo, partimos da idéia aristotélica de *puritas*, retomamos idéias contemporâneas do fenômeno, até chegarmos à conclusão de que o purismo é uma *atitude* que dá origem ao fenômeno do purismo lingüístico, cuja caracterização só pode ser feita pela sua própria manifestação. Desse modo, em relação ao português do Brasil, podem-se encontrar três tipos de purismo: ortodoxo, nacionalista e heterodoxo.

PALAVRAS-CHAVE: purismo; correção; norma lingüística; uso lingüístico; metalinguagem.

1. A CONCEPÇÃO VIGENTE DE PURISMO

Se buscarmos nos dicionários de língua portuguesa os sentidos do termo *purismo*, observaremos que são somente relativos à linguagem. Vejamos, em primeiro lugar, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Aulete (1968):

PURISMO, s. m. escrúpulo em observar rigorosamente a pureza de linguagem naquilo que se diz ou que se escreve. / Exagero dos escritores que se prendem demasiadamente com a pureza da língua, e que julgam ter chegado à perfeição do estilo, quando lhes não escapa a mínima incorreção.

(*) Universidade de São Paulo.

Segundo Ferreira (1986), purismo é o cuidado excessivo no trato com a língua, quando se tem em mente um “modelo ideal, o vernáculo”. Leia-se a transcrição do verbete:

PURISMO [De puro + -ismo.] S. m. 1. Preocupação excessiva de observar a pureza da linguagem, a correção gramatical em relação a um modelo ideal; vernaculismo. 2. Pronúncia afetada ou pretenciosa das palavras.

As definições apresentadas nos verbetes acima pecam pela inexatidão: não delimitam os termos dos elementos comparados. Isto é, se um uso é ou não puro, ele somente pode ser assim definido em contraposição a outro. Desse modo, seria imprescindível delimitar: preocupação com a pureza da linguagem, observadas a norma lingüística, relativa à língua escrita ou falada, culta ou popular, extraídas de textos escritos ou falados por brasileiros ou portugueses dos séculos XV e/ou XVI e/ou XVII e/ou XVIII e/ou XIX e/ou XX.

Se raciocinarmos de acordo com princípios científicos modernos, jamais deveremos submeter a comparações elementos ou sujeitos diferentes por natureza. Portanto, não terão resultados precisos: pesquisas que submeterem a confrontos textos falados vs. escritos, analisados sob um único ponto de vista; pesquisas que compararem textos falados vs. escritos de normas diferentes, culta e popular, por exemplo; pesquisas ou descrições que compararem escritores brasileiros vs. portugueses, praticantes de normas diferentes em todos os níveis.

A desigualdade do português praticado por falantes portugueses e brasileiros decorre tanto da incidência de fatores geográficos e socioculturais, como bem o diz Preti (1982:1-37), como de fatores ideológico-discursivos.

Com clareza, Bakhtin (1992:319) afirma ser o signo um objeto ideológico, carregado da concepção de mundo da sociedade que o utiliza;

portanto, a voluntariedade do homem sobre o signo é apenas parcial. É verdade, por outro lado, que o homem, pela língua, pode criar idéias novas, transformar a realidade. Esse paradoxo é o que Bakhtin (1988:33) explica pela frase “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”, isto é, o signo é produto, mas também parte atuante da sociedade, o que possibilita a permanente atualização do homem e da língua. Sendo assim, queira ou não, a tradição lingüística e sociocultural incide sobre o homem, e não há como evitar fazer as coisas e usar a língua do modo como todos os outros o fizeram antes de nós. Vejamos o que diz Bakhtin sobre o assunto:

“O objeto do discurso de um locutor, seja ele o que for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é um Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear.” (op. cit.)

Diante disso, não é possível aceitar ter um escritor brasileiro o mesmo repertório lingüístico de um português e que possa seguir uma norma portuguesa (a culta escrita, por exemplo) do *mesmo modo* como o fazem os escritores de lá. As diferenças aparecerão sempre, em alguns pontos, e não podem ser consideradas erradas, estando em conformidade com a norma brasileira (culto escrita, por exemplo).

Essas idéias já deixam entrever a complexidade que envolve a definição do fenômeno lingüístico *purismo*. E, para melhor compreendê-lo, analisemos o que diz Câmara Jr. (1977):

PURISMO - Atitude de extremado respeito às formas lingüísticas consagradas pela tradição do idioma, que muitas vezes se assume na língua literária; a língua é considerada à maneira de uma água cristalina e pura, que não deve ser contaminada. Daí, a hostilidade aos estrangeirismos aos neologismos e a todas as formas lingüísticas não autorizadas pelo uso literário tradicional. Essa atitude, adotada rigidamente, cerceia a capacidade expressiva. A lingüística ora vê o purismo literário com desconfiança, como um elemento de perturbação no manuscio espontâneo da língua (como acontece com a escola lingüística norte-americana), ora aconselha ‘um purismo inteligente, adaptado às evoluções necessárias’ (Dauzat, 1930, 8) (como é a orientação das escolas francesa, italiana e espanhola modernas).

Os conceitos apresentados por Câmara Jr. deixam claro que o purismo, até para a Lingüística, é encarado como um fenômeno relacionado exclusivamente à norma culta escrita. A novidade nesse conceito fica por conta da idéia de que o purismo é um fenômeno de interesse da política do idioma, o “purismo inteligente”, como o do francês, do italiano e do espanhol. Impedir a entrada de elementos estrangeiros, principalmente ingleses, por meio dos quais se pode exercer a dominação ideológica, é fato que faz parte da política adotada para cada um desses idiomas. Os meios usados para obstruir a entrada de estrangeirismos, nesses casos, são burocráticos – por exemplo, a não aceitação desse tipo de palavras em documentos oficiais – e sociais, pois o próprio povo evita usar palavras estrangeiras em lugar de uma vernácula.

Mesmo em países onde não existe política purista explícita para o idioma, o purismo existe e tem muitas faces, e há sempre uma delas à

mostra em cada fase sócio-histórica da língua¹. A face do purismo já revelada e conhecida de todos é aquela do cuidado excessivo com a preservação da língua literária que vigorou em algum ponto do passado. Essa concepção de purismo tem origem bem demarcada. Existe desde os gregos, a partir da retórica, incluída como parte de uma das cinco fases da elaboração do discurso: a elocução.

(1) A França é um dos países que têm política purista explícita. A Academia francesa, por exemplo, tinha, no século XVIII, previstas as seguintes atividades:

“Art. 24 - La principale fonction de l'Académie sera de travailler avec tout le soin et toute la diligence possible à donner des règles certaines à notre langue et à la rendre pure, éloquente et capable de traiter les arts et les sciences.

Art. 25 - Les meilleurs auteurs de la langue française seront distribués aux académiciens pour observer tant les diction que les phrases qui peuvent servir des règles générales, et en faire rapport à la Compagnie qui jugera de leur travail et s'en servira aux occasions.

Art. 26 - Il sera composé un Dictionnaire, une Grammaire, une Rhétorique et une Poétique sur les observations de l'Académie. (Cf. FRANÇOIS, 1973:31)

Hoje, embora na França não exista mais um purismo nos moldes desse descrito acima, ainda há uma preocupação purista bem acentuada, perceptível, por exemplo, em artigos publicados pela imprensa. O *Le Monde*, 1º mars 1996, traz o artigo “Accent de Discorde”, sobre o uso do acento circunflexo na ortografia francesa, que se encerra com a opinião do autor nos seguintes termos: “Aujourd'hui, c'est sans doute contre l'hégémonie de l'anglais et sa graphie sans accents sur Internet qu'il convient de lutter pour la langue française.” Além de casos como esses, podemos citar o zelo francês com a língua francesa nos países francófonos. WEINSTEIN (1989:53) diz que a “francophonie is an international language movement led by government and nongovernment elites in over thirty countries where French is official or used by a significant population. The maintenance and extension of a standard spoken or written French language purified of unacceptable English language borrowings and local idiosyncracies is one general goal.” Outro país que tem desenvolvido política purista é a Coreia do Sul, como afirma PARK (1989): “The Korea Government is also an active participant in the language purification movement with the Ministry of Education as its nerve center. The Ministry coordinates Government-initiated purification programs with assistance and cooperation from various Governments agencies and national academies/institutes.”

Finalmente, citamos os Estados Unidos, onde não há política purista, mas, mesmo assim, há preocupação com a língua. A revista *Times*, de julho de 1996, por exemplo, publicou, na página 49, um artigo intitulado “Mosh! Bork! - Wordsmithing in post-contemporary English”, sobre o lançamento da edição revisada do *Random House Compact Unabridged Dictionary*; nos seguintes termos. “The English language is alive and ill. The very quality that enriches the vocabulary – its indiscriminating tolerance for the new – obliges dictionary editors to acknowledge such a gallimaufry of new words and phrases that even the most casual browser wants to cry havoc.” A grande reclamação do articulista recai sobre o fato de o dicionário incorporar neologismos léxicos e semânticos e desprezar termos antigos, fato que pode desorientar um leitor tradicional do inglês.

2. A CONCEPÇÃO TRADICIONAL DE PURISMO

Na Retórica, Aristóteles (s.d. :184-85) já falava sobre um tipo de “pureza da linguagem”. Referia-se à funcionalidade da língua, no sentido de estar o texto organizado de modo a permitir que o orador conseguisse transmitir com rapidez e eficiência seu pensamento. Para tanto, apresentava cinco condições, dizendo que “o princípio do estilo é falar com pureza, segundo o espírito da língua”. As condições são:

“1. A primeira reside no emprego das conjunções que devem ser colocadas segundo a ordem natural, uma em primeiro lugar, as outras em seguida, como pretendem certos autores.

(...)

2. A segunda consiste no uso dos vocábulos próprios, sem termos de recorrer às perífrases.

3. A terceira consiste em evitar expressões anfibológicas, a não ser que propositadamente se tome o partido contrário. (...)

4. A quarta regra é seguir Protágoras que distingue o gênero dos nomes: masculinos, femininos e neutros.

5. A quinta regra consiste em observar os números, distinguindo se se trata de muitos ou de poucos objetos ou de um só. (...)”

Lausberg (1970:115), partindo dos princípios greco-latinos da *Retórica*, estuda, pormenorizadamente, o sistema dessa disciplina, abordando o discurso como um todo, subdividindo-o em *discurso geral* e *discurso partidário da retórica escolar* e, finalmente, as partes do discurso, subdividindo-as em *dispositio* e *elocutio*. Nessa última, situa e explica o que se entende por pureza da linguagem no contexto da Retórica. Assim, dentro do quadro da teoria da elaboração do discurso, diz o autor:

“91. A elocutio ([λεξις, φρασις; port. elocução]) é a expressão lingüística (verba: §46) dos pensamentos (res: § 40) encontrados pela inventio (§ 43) .

92. O discurso (§ 3) está dependente, no que se refere à expressão lingüística, dos praecepta de duas artes (§ 28):

1) Da *gramática*, (grammatica, λμματικη) que é o sistema de regras que regulamentam a pureza lingüística e idiomática (puritas:§ 103). É deste modo, a gramática a ars bene loquendi.

2) Da *retórica* que é o sistema de regras (§ 28) que garante o sucesso da persuasão. A retórica é a ars bene dicendi).”

Mais adiante (§103 a 129), o autor citado descreve o purismo como parte indispensável da virtude da elocução, dizendo textualmente:

“103. A puritas (sermo purus, Latinitas; καθαρότης, καθαρα -λεξις, εληνισμός; [port. purismo]) é a correção (recte loqui: § 92, 1) idiomática do discurso (i. é, concordante com o sistema da língua em questão), tanto nos verba singula (§§108-124), como nos verba coniuncta (§§ 125-129)”.

Lausberg prossegue sua lição, explicando a importância do uso da língua para a norma do purismo, que reside *no uso atual da língua*. Esse uso, porém, não é unitário: varia em relação à quantidade, à classe social e à origem geográfica dos falantes. Acrescenta ainda o autor que, para a pureza, ora importa um ou outro desses usos, exemplificando que o uso de uma determinada camada social forma o *consenso erudito* e o de determinado “meio social localizado com precisão” pode ser, como o foi para o “francês do século XVII, o *usage de la cour*”. E, modernamente, segundo nosso ponto de vista, podemos dizer que é o uso da classe social de maior poder socioeconômico.

Outra importante diferença sobre o uso lingüístico refere-se ao emprego das modalidades falada e escrita. Afirma Lausberg (id.) que o uso considerado para a elaboração do discurso oral é o *uso lingüístico oral*; já para o texto literário escrito, prosa ou poesia, o que vale é o *uso da tradição escrita*, que difere, portanto, do anterior, em relação: a. à autoridade, uso de autores de reconhecido valor; b. aos arcaísmos, emprego de formas arcaicas para obter-se o estilo poético, e para manter-se a tradição.

O autor dos *Elementos de Retórica Literária* também descreve os erros cometidos contra a pureza. Diz ele que contra a *puritas* pode-se pecar por insuficiência (solecismo e barbarismo) e demasia (*puritas afectada*: apego exagerado à autoridade, em detrimento do uso vivo da língua e desprezo pelas outras virtudes da elocução). Consigna, ainda, que erros contra a *puritas* podem ser justificados e considerados como licença poética porque:

“108. (...) Como o ensino da gramática (§ 92,1) compreendia leituras de textos de uso repetido (§§14-19) classificados pela tradição literária como bons para a formação cultural e, como, além disso, esses textos de uso repetido muitas vezes provinham de um meio social diferente, notaram os professores e alunos inúmeras divergências, que esses textos em si continham, em relação ao uso lingüístico (§ 104) que era ensinado nos cursos de gramática normativa. Os professores explicavam essas divergências, como *licentia poetarum* (§ 94) que era justificada pela *autoritas* (§ 106,1) dos poetas e escritores: os barbarismos e os solecismos (§ 107, 1), que ao aluno eram imputados como erros, tinham de ser, na leitura de autores consagrados, aceites e desculpados (§ 94), como *metaplasmos* (§ 118), *tropos* (§ 117) e *figuras gramaticais* (§ 126,2), e tinham de ser admirados, como *virtus* (*aptum*: § 464)”.

Segundo o autor ora estudado, a pureza e a clareza estão intimamente relacionadas, pois se se transgredir uma, certamente a outra estará transgredida. A pureza deve ser observada no domínio da morfologia (das palavras isoladas) e no da sintaxe (das palavras em combinação). Quanto a palavras isoladas, a

“111 (...) exigência da puritas (§ 103) corresponde o verbum proprium (κυριον ονμαα), i. é, um corpo de palavra (§ 99,1), que pertence às existências idiomáticas dos corpos de palavras da língua em questão e que fornece ao orador o conteúdo lingüístico (§ 99,2), que normalmente caracteriza esse corpo de palavra no sistema da língua em causa.”

Prosseguindo, apresentam-se os comentários sobre os erros quanto às palavras isoladas, que são:

1. Corpo de palavra não idiomático (§ 113-116; 171) – barbarismos: palavras que não existem em língua alguma; estrangeirismos; dialetismos; arcaísmos; neologismos. As licenças para usos de tais corpos não idiomáticos existem quanto:
 - aos barbarismos, se “constituem tecnicismos, dentro de determinados gêneros literários”;
 - as dialetismos, se “próprios de determinado gênero literário”;
 - aos neologismos e estrangeirismos (de língua de igual nível ou superior ao da importadora), se “são necessários”.
2. A pureza exige que as partes do corpo da palavra sejam inalteradas e a ruptura desse princípio ocasiona erro denominado *barbarismo*, cuja licença é o metaplasmo.

Segundo Lausberg (op. cit. §126,1,2), em relação às palavras em combinação, sintaxe, o **desvio** é o *solecismo*, e a **licença** é a *figura (de*

gênero, número, caso, tempo, modo e inconveniência – o zeugma e a hipálage aditiva).

Como se pode perceber, a noção de purismo lingüístico é contemporânea da Retórica que, primeiramente, a utilizou como meio, para fazer o escritor, ou orador, obter, em determinada situação, um efeito. As idéias e os conceitos contidos na Retórica foram amplamente difundidos e respeitados por todos quantos cultivassem o discurso em geral, ou o discurso partidário, em específico. Isso resultou em cultismo aos princípios retóricos, exageradamente defendidos por alguns autores, em determinadas épocas.

Lamentamos, entretanto, que uma importante lição da Retórica não se tenha fixado: a noção de haver vários usos lingüísticos e que a pureza pode estar ora em um, ora em outro desses usos. O conceito de pureza, então, teve como primeiro critério a seleção de um uso. Assim, notamos que o critério de escolha do que seria considerado puro não foi lingüístico, mas político: o uso escolhido como puro foi aquele da camada social-geográfica de maior prestígio no momento.

Se não há motivos lingüísticos determinantes para a escolha de um uso, claro está que, lingüisticamente, não há usos melhores e piores e, portanto, não cabem julgamentos de valor, forjados sobre fundo lingüístico para que se tome um destes como melhor, mais puro, em detrimento de outro, ou outros. Todas as discussões, até hoje, baseadas no argumento lingüístico de que um uso é puro e outro impuro, porque impreciso, é sofismático. Em verdade, há a defesa de um uso, ou norma, praticado pela camada de maior prestígio sociocultural e econômico de *uma dada sociedade*. Muitos brasileiros despenderam tempo e tinta defendendo um uso que não era o deles, numa discussão inútil, em muitos pontos, pois se o uso não é o próprio do povo, no todo ou em parte, a norma dele extraída jamais será praticada, e os falantes, nas conversas espontâneas do dia-a-dia, não sofrerão sanção por não atendê-la, pois não existe para aquele povo. Em relação à língua escrita, culta formal, o conflito é maior, porque a sanção existe quando a norma não é observada com rigor.

3. O PURISMO COMO FENÔMENO LINGÜÍSTICO: NOVAS CONCEPÇÕES

Uma concepção mais moderna e ampla de purismo indica ser ele um dos muitos processos corretivos voltados para a cultura e não somente para a linguagem. Assim, pode-se falar de purismo na arquitetura, na música e na literatura (Cf. Neustupný, 1989:211). O purismo da literatura, por exemplo, não é voltado apenas para a linguagem, como se pode, *a priori*, pensar, mas também é relativo à fidelidade aos gêneros literários, às regras da poesia, ao conteúdo e à ideologia, como assinala o autor citado.

Em relação à linguagem, o purismo engloba processos de correção discursiva, lingüística e ideológica, que dão origem a três diferentes e inter-relacionados tipos de purismo: *a.* purismo do discurso; *b.* purismo do idioma; *c.* purismo ideológico (op. cit.:212-22).

O *purismo do discurso* é “a certain set of language correction acts, which are employed to remove certain undesirable segments of speech acts” (op. cit.). Esses atos de correção são descritos como *desvios da norma*, *inadequações*, e *ajustamentos corretivos* à linguagem, todos oriundos de uma avaliação negativa (sanção) que o ouvinte/leitor faz do texto com o qual entra em contato. Segundo o autor, o importante é delimitar as razões por que existe tal avaliação negativa dos atos de fala no discurso. A resposta à questão pode ser dada a partir de dados do discurso, tais como:

1. Incongruência estrutural no sistema da linguagem: as estruturas que rompem a gramática da língua, como expressões, palavras e frases estrangeiras, por exemplo, tendem a ser negativamente avaliadas.
2. Falta de estabilidade: processos de ajuste podem confirmar determinado uso, por maioria, e rejeitar uma expressão estrangeira; no entanto, a rejeição pode não ser em decorrência de a expressão

- ser estrangeira, mas de simplesmente não estar de acordo com o uso.
3. Ineficiência comunicativa: aspectos da linguagem que obstruem a comunicação.
 4. Impureza histórica: discordâncias com estágios antigos da língua.
 5. Dependência estrangeira: uso de palavras, expressões ou frases de uma língua estrangeira associam realidades sociais, e isso é negativamente avaliado, pois significa dependência, principalmente se a língua que empresta palavras ou expressões é culturalmente superior.
 6. Falta de distintibilidade: línguas diferentes devem ter meios diferentes de expressão. (Op. cit. :214)

O *purismo do idioma* “consist of discourse that refers to correction processes which are supposed to ‘purify’ or ‘authenticate’ language” (id.). Essa correção pode englobar diferentes problemas, dependendo da comunidade lingüística analisada. Portanto, para algumas comunidades, o processo de correção implica a eliminação de palavras estrangeiras, para outras, a eliminação de estruturas não vernáculas, ou eliminação de elementos nativos e, para outras, ainda, a eliminação de neologismos.

Os processos de correção podem ser considerados puristas, porque para os falantes o objetivo é sempre buscar a “perfeição” no uso de uma determinada língua, em determinada situação de comunicação, seja do ponto de vista do discurso, seja do da língua. Nesses casos, os falantes podem proceder de diversos modos, por exemplo: **a.** o próprio falante pode corrigir-se sem falar explicitamente sobre a correção efetuada; **b.** a correção pode ocorrer a partir do interlocutor, que recomenda a troca de uma expressão por outra, mais adequada a determinado contexto lingüístico, ou situacional. O motivo da correção pode ser ou não explicado. Também, pode ocorrer uma correção purista indireta, quando, por

exemplo, não se explicitam as razões da repugnância por elementos não-vernáculos, mas a exemplificação do incorreto é totalmente baseada nesse tipo de expressão.

O *purismo do idioma* é um fenômeno metalingüístico que veicula avaliações positivas ou negativas sobre os usos lingüísticos em questão. Tais avaliações são enunciadas sob os rótulos: correto/incorreto; estrangeirismos/neologismo; vernáculo/não vernáculo (puro/impuro). Neustupný (1989:219) questiona a relação existente entre correção do discurso e o purismo, metalingüístico, do idioma. Ao que responde apresentando as seguintes sugestões:

1. Ajustes purísticos podem desempenhar importante papel no discurso, sem repercutir no idioma.
2. Alguns ajustes podem ser enfatizados no idioma, sem repercutir no processo de correção.
3. Fatores como os da impureza histórica ou da dependência estrangeira podem começar nos componentes ideológico ou idiomático e gradualmente se transferir para o discurso.

Segundo o autor, tais fatores indicam que é necessário distinguir o que ocorre no discurso – purismo do discurso – e o que as pessoas falam sobre ele – purismo do idioma – pois, embora haja entre ambos pontos coincidentes, há importantes distinções, porque as relações entre eles originam diferentes tipos de purismo.

Sobre a contraparte ideológica do purismo, o *purismo ideológico*, Neustupný (op.cit.) esclarece que ela pode ser consciente ou inconsciente. *Consciente* quando de natureza política, econômica (defesa de comércio) ou cultural, reveladas e assumidas pelos falantes, e *inconsciente* quando essas características são veladas e os falantes pensam estar lutando apenas pela preservação da língua. O conhecimento da natureza ideológica do purismo exige que seja corretamente avaliado, em cada língua em que ele se manifesta. Entretanto, sabe-se que, até então, o julgamento

do purismo sempre foi negativo e pejorativo, sem haver considerações sobre o seu papel ideológico.

A teoria proposta por Neustupný (op. cit.) para análise do purismo, então, pode ser demonstrada no seguinte quadro:

PURISMO DO DISCURSO

PURISMO DO IDIOMA

PURISMO IDEOLÓGICO

Essa proposta teórica apresenta certos inconvenientes, por tratar um fenômeno lingüístico que se manifesta por uma **atitude** una e indivisível como se fossem de três tipos diferentes, embora inter-relacionados. Além disso, para Neustupný essas três atitudes podem ser analisadas separadamente, o que entendemos impossível. Em primeiro lugar, porque o purismo é uma atitude de preservação de norma e não apenas de correção; em segundo, porque a língua é por natureza ideológica; em terceiro, porque o purismo é um fato decorrente do uso da língua, quer em interação face a face ou não, o que significa que mesmo as auto-correções, difíceis de serem detectadas, se não houver marcas lingüísticas que as indiquem, são potencialmente interativas, já que realizadas a partir da pressuposição de um receptor também potencial²; e, finalmente, porque a metalinguagem é sempre ideológica e discursiva. Desse modo, entendemos que o purismo pode ser analisado a partir de critérios extraídos de sua própria manifestação.

(2) O autor afirma, textualmente: "Discourse correction can be effected without speaking about it at all. Speakears can correct without communicating about such adjustments to anyone." E mais adiante: "Finally, a puristic correction can also be commented upon in a indirect way. The situation and the context, rather than an implicit formulation, become communicative in this case." (Op. cit. :218-19)

Assim, sob o ponto de vista da realização, poderíamos pensar em uma classificação: o *purismo discursivo metalingüístico* e o *purismo discursivo, strito sensu*.

Fundamentalmente, então, partimos para a análise do purismo, tomando como fonte de pesquisa a *metalinguagem*. O purismo que não desencadeia metalinguagem e se realiza por meio de escolhas lexicais e sintáticas do falante, isto é, o purismo discursivo *stricto sensu*, gera uma análise subjetiva, e por isso recorreremos a ele apenas de modo complementar.

Para análise do purismo metalingüístico, que revela sempre a posição ideológica do falante/escritor no contexto de uma língua histórica, podemos pensar em três *critérios básicos*:

1. o *histórico ortodoxo* pelo qual se analisa a presença da diacronia na sincronia. Em relação ao português do Brasil, a diacronia seria o passado literário português, desde a fase antiga da língua até o Romantismo, na fase moderna. Por esse critério, vê-se que a ideologia aparente é a de que somente no passado reside a cultura e a pureza da língua.
2. o *nacionalista* pelo qual se pode revelar a valorização da sincronia, a língua em uso, a cultura em formação. A ideologia aparente é da rejeição de um passado cultural que não está diretamente relacionado à sociedade.
3. o *histórico heterodoxo* pelo qual se considera a presença de diacronia na sincronia e também o aproveitamento da sincronia. A diacronia é usada como forma de poder para a realização da violência simbólica pela linguagem, já que quem conhece a norma culta detém uma espécie de poder, e a demonstração disso pode agredir quem não a conhece. Portanto, mesmo nas altas camadas da sociedade, ficam estigmatizados os que ignoram a tradição da língua, diante dos que a conhecem.

CONCLUSÃO

Do exposto acima, conclui-se que o purismo é um fenômeno complexo, que não pode ser entendido de modo simplista apenas como correção gramatical, sendo sempre indesejável e pejorativo. A atitude purista tem sua conformação a partir de objetivos que extrapolam o âmbito da língua, mas que estão nela amalgamados. Pela metalinguagem purista, então, é possível recuperar posições ideológicas dos falantes diante de certos fatos que implicam a defesa e preservação da história e da cultura do homem, pela língua que usa. Em suma, o comportamento purista revela a postura ideológica, em vigor em cada época, adotada diante da língua.

ABSTRACT: In this paper, we discuss the linguistic purism concept to demonstrate it as a linguistic phenomenon. To do this, we take the aristotelic idea about the "puritas" and so modern ideas about the problem. Finally, we conclude purism is a result of an attitude that begins and characterizes it. About the brazilian portuguese, there are three forms of purism: orthodox, nationalistic and heterodox.

KEY WORDS: purism; correction linguistic norm; linguistic use; metalanguage.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES (s.d.). *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d. (Texto cedido pela Difusão Européia do Livro, publicado na coleção Clássicos Garnier).

_____ (1990) *Retorica*. Madrid, Centro de Estudios Constitucionales.

AULETE, Caldas (1968). *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2 ed brasileira. Rio de Janeiro, Delta.

BAKHTIN, M (1988). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec.

_____ (1992). *Estética da Criação Verbal*. Trad. do francês por Ermantina Galvão Gomes Pereira; rev. Marina Appenzeller. São Paulo, Martins Fontes.

- CÂMARA JR (1986). *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 13 ed. Petrópolis, Vozes.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FRANÇOIS, Alexis (1973). *La Grammaire du Purisme et l'Académie Française au XVIII^e Siècle*. Genève, Slatkine Reprints.
- LAUSBERG, Heinrich (1970). *Elementos de Retórica Literária*. 2 ed. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- NEUSTUPNÝ, J. V (1989). Language Purism as a Type of Language Correction. In: Jernudd, B. H. & Shapiro, M. J. (ed.) *The Politics of Language Purism*. New York, Mouton de Gruyter.
- PARK, Nahm-Sheik (1989). Language Purism in Horea today. In: Language Purism as a Type of Language Correction. In: Jernudd, B. H. & Shapiro, M. J. (ed.) *The Politics of Language Purism*. New York, Mouton de Gruyter.
- PRETI, Dino (1982). *Sociolingüística: os níveis de fala*. 4 ed. rev. e modificada. São Paulo, Ed. Nacional.
- WEINSTEIN, Brian (1989). Francophonie: purism at the international level. In: Jernudd, B. H. & Shapiro, M. J. (ed.) *The Politics of Language Purism*. New York, Mouton de Gruyter.